

## PRÁTICA DE ESCRITAS DE INTELLECTUAIS NEGROS NO PERIÓDICO “O EXEMPLO”

### RESUMO

O presente escrito, inspirado sob os pressupostos da História Cultural, procura discutir práticas de escrita de intelectuais negros no periódico *O Exemplo*. Mais especificamente, sobre o que essas escritas contam a respeito da instrução. Exercício necessário no sentido de evidenciar práticas escriturísticas que prescrevem quando são relegadas somente ao passado. Desse modo, para evidenciar as práticas de escrita de um coletivo intelectual negro, conto com os estudos historiográficos, ancorado no campo da História da Cultura Escrita e da História da Educação, no sentido de analisar *O Exemplo*, periódico publicado e posto em circulação entre 1892 a 1930 em Porto Alegre – RS. Contudo, para esse escrito pretendo mostrar alguns recortes que se situam no final do século XIX. De maneira especial, a pesquisa procura mostrar a partir dos fragmentos colhidos de intelectuais negros a relevância da instrução para a população negra como possibilidades de inserção na cultura escrita.

**Palavras-chave:** Práticas de escritas. Instrução. Periódico *O Exemplo*.

## THE WRITING PRACTICE OF BLACK INTELLECTUALS IN THE PERIODICAL “O EXEMPLO”

### ABSTRACT

This article, inspired by the presuppositions of Cultural History, seeks to discuss the writing practices of black intellectuals in the periodical “O Exemplo”, more specifically, what these writings tell about instruction. Necessary exercise in the sense to evince writing practice that prescribe when they are relegated merely to the past. Therefore, to evidence the writing practices of a black intellectual collective, I rely on historiographic studies, anchored in the field of History of Written Culture and History of Education, in order to analyze “O Exemplo”, a periodical published and put into circulation between 1892 and 1930, in Porto Alegre - RS. However, for this writing, I intend to show some cutouts situated in the late nineteenth century. In a special way, the research seeks to reveal, using the fragments collected from black intellectuals, the relevance of instruction to the black population as a possibility of insertion in the written culture. Keywords: Writing practices. Instruction. Periodical “O Exemplo”.

## LA PRÁCTICA DE ESCRITURAS DE INTELCTUALES NEGROS EN EL PERIÓDICO “O EXEMPLO”

### RESUMEN

El presente artículo, inspirado en los presupuestos de la Historia Cultural, busca discutir las prácticas de escrituras de intelectuales negros en el periódico *O Exemplo*, más específicamente lo que esas escrituras cuentan con respecto a la instrucción. Ejercicio necesario en el sentido de evidenciar prácticas escriturísticas que prescriben cuando son relegadas solamente al pasado. De este modo, para evidenciar prácticas de escritura de un colectivo intelectual negro, cuento con los estudios historiográficos, anclados en el campo de la Historia de la Cultura Escrita y la Historia de la Educación, en el sentido de analizar *O Exemplo*, periódico publicado y puesto en circulación entre 1892 a 1930 en Porto Alegre - RS. Sin embargo, para este escrito, pretendo mostrar algunos recortes que se sitúan a finales del siglo XIX. De manera especial, la investigación busca revelar, a partir de los fragmentos recogidos de intelectuales negros, la relevancia de la instrucción para la población negra como posibilidad de inserción en la cultura escrita. Palabras-clave: Prácticas de escrituras. Instrucciones. Periódico “O Exemplo”

## PRATIQUE DES ECRITURES D'INTELLECTUELS NOIRS DANS LE PRATIQUES D'ÉCRITURE

### RÉSUMÉ

Cet essai, inspiré par l'Histoire Culturelle, cherche à discuter la pratique des écrits d'intellectuels noirs dans la revue “O Exemplo”. Plus précisément, ce que ces écrits racontent sur l'instruction. Exercice nécessaire dans le sens de mettre en évidence la pratique scripturaire qu'ils prescrivent lorsqu'ils ne sont relégués qu'au passé. Ainsi, pour témoigner de la pratique d'écriture d'un collectif intellectuel noir, on s'appuie sur des études historiographiques, ancrées dans le domaine de l'Histoire de la Culture Écrite et de l'Histoire de l'Éducation, pour analyser “O Exemplo”, publié en 1892 et 1930 à Porto Alegre - RS. Cependant, pour cet article, on a l'intention de montrer quelques coupures qui sont à la fin du XIXe siècle. D'une manière spéciale, la recherche cherche à montrer à partir des fragments recueillis auprès des intellectuels noirs la pertinence de l'instruction à la population noire comme une possibilité d'insertion dans la culture écrite. Mots-clés: Pratique d'écriture. Instruction. Périodique “O Exemplo”.

## INTRODUÇÃO

O presente escrito, inspirado nos pressupostos da História Cultural, procura discutir prática de escrita de intelectuais negros<sup>1</sup> no periódico *O Exemplo*, no tocante à instrução da população negra porto-alegrense. *O Exemplo* foi um periódico semanário de quatro páginas publicado e posto em circulação entre 1892 e 1930<sup>2</sup>. Contudo, para este artigo, procuro mostrar alguns recortes que se situam no final do século XIX. O pressuposto escolhido torna “mais produtivas as pesquisas cujo objetivo é compreender como determinadas visões de mundo – materializadas em produtos culturais – foram produzidas e disseminadas por diferentes grupos culturais” (LOPES; GALVÃO, 2010, p. 33). Assim, neste trabalho, procuro evidenciar as prática de escritas de intelectuais negros que se prescrevem quando são relegadas somente ao passado.

Desse modo, torna-se necessário revisitar esse *corpus* documental, que, atualmente, se inscreve como Imprensa Negra, na tentativa de captar “sentimentos, emoções e mentalidades”, segundo Lopes e Galvão (2010, p. 32), de um determinado tempo histórico. Considerada pouco confiável e científica, por não ser reconhecida como uma imprensa da elite porto-alegrense, ela começa a fornecer indícios para reconstruir o passado da população negra, no tocante, aqui, à instrução desse coletivo negro no estado do Rio Grande do Sul.

Nessa perspectiva, os estudos historiográficos, ancorados no campo da História da Cultura Escrita e da História da Educação, procuram inaugurar outro entendimento de análise sobre os modos de ler e escrever em um tempo pretérito, na intenção de responder a demandas diversas do campo. Para isso, sugerem a participação de outras áreas do conhecimento. Sobre esse campo, Petrucci (1999) diz que a História da Cultura Escrita põe em relevo a globalidade dos testemunhos escritos, os modos de transmissão e conservação, as tipologias da escritura e as práticas de produção e difusão social das capacidades de escrever e ler, como também de exclusão parcial ou integral desses sujeitos em uma sociedade que valoriza a cultura escrita.

Essa referência possibilita que lancemos algumas questões para reflexão, como: Quem escreve? Por que escreve? Para quem escreve? Essas questões, seguidamente, implicam, de certo modo, as estruturas socioeconômicas de uma dada sociedade, ou seja, da comunidade racial em que se fez circular esse periódico.

Produzido em Porto Alegre, lugar onde se materializa o escrito como prática social de comunicação direcionada, sobremaneira, para um grupo racial negro, e que circulou também no interior do estado do Rio Grande do Sul e em alguns outros estados do Brasil, *O Exemplo* resiste ao tempo, e, são passíveis de serem manipulados e compreendidos no seu tempo, ao contrário das práticas de leitura, que são quase impossíveis de descrever no tempo presente.

Os textos encontrados nas edições desse periódico são escritas que perduram, não somente por sua materialidade física, pois são encontradas em arquivos públicos e privados, mas também por estarem acessíveis devido a um processo de digitalização, possível a partir do Projeto *O Direito às Memórias Negras*. Esse acervo constitui um *corpus* documental potente da Imprensa Negra porto-alegrense que reflete as ambiguidades da sociedade no pós-abolição. Assim, temos duas possibilidades de acesso à leitura desse material, que constituem disparadores de prática de escritas para pesquisadores interessados nessa temática.

### O que escrevem os intelectuais negros no jornal *O Exemplo* sobre instrução?

A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido (CERTEAU, 2014, p. 245).

A epígrafe é sugestiva ao apontar o desafio de desenvolver um estudo historiográfico, em especial no

campo da Cultura Escrita, pois Certeau nos faz pensar que existe um acúmulo de escrituras de um tempo passado passíveis de manipulação e análise, já que dificilmente o são. Nesse sentido, destacamos especialmente as escritas que têm relação com prática de leitura que são impossíveis de serem captadas, pois o grupo de intelectuais negros que inauguraram uma imprensa, atualmente nomeada de Imprensa Negra, em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, já não mais existe.

Sobre a inauguração de uma imprensa, no livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*, já no século XVI, Ginzburg (1987) sinaliza como a cultura popular e erudita, marcada pela Reforma Protestante, propiciou rupturas em relação ao monopólio dos letrados sobre a cultura escrita. Assim, para o autor, a invenção da imprensa foi determinante para a quebra do monopólio que as elites possuíam sobre prática de leitura e escrita. Para Ginzburg (1987, p. 114), “a ideia da cultura como privilégio fora gravemente ferida (com certeza não eliminada) pela invenção da imprensa”. De acordo com Lopes e Galvão (2010, p. 16):

As proposições teológicas da Reforma e Contrarreforma, aliadas ao surgimento da imprensa, trouxeram profundas consequências para a educação. Primeiro, porque estenderam a leitura a um número maior de pessoas, o que trouxe novos desafios para a escola, seus métodos e seu corpo docente e discente, com suas regras de conduta e bem viver.

Mesmo que o contexto explorado pelo autor esteja distante, tanto no tempo como no espaço, da realidade porto-alegrense do final do século XIX, não se pode ignorar que as ideias impressas a partir de prática de escritas no periódico *O Exemplo* puderam chegar, de alguma forma, ao conhecimento da população negra. Desse modo, este artigo sinaliza para algumas razões que me impulsionaram a trabalhar com as práticas de escrita, em especial de intelectuais negros, para compreender não somente o escrito, como também o silen-

ciamento<sup>3</sup> do *corpus* pesquisado. Escritas que, mesmo com o tempo, resistem e sugerem indagações e questionamentos: A quem pertence a guarda das escritas materializadas no periódico *O Exemplo*? A materialidade dessas escritas se encontram acondicionadas em arquivos públicos, como também em arquivos privados, destinados à conservação dos suportes das escritas de um corpo editorial de intelectuais negros.

Conforme aponta Chartier (1999), os autores não escrevem livros, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, sejam manuscritos ou impressos e, atualmente, também informatizados. Compartilho do entendimento de Chartier (2011, p. 40), quando diz que “as transformações, ao longo dos séculos, modificaram os suportes do escrito, as técnicas de sua reprodução e as maneiras de ler”. Assim, podemos afirmar que os intelectuais negros desse semanário de quatro páginas lançaram prática de escritas à luz de um público leitor, em especial para a sua comunidade leitora, com o seguinte objetivo:

Surge hoje na vasta arena da imprensa O Exemplo que, nascido de uma dessas elevações do espírito, tão peculiares à mocidade, é lançado [...] aos domínios do jornalismo da capital. Nós, moços que somos, temos sede de luz que espanque altivamente as trevas de nosso horizonte e que, qual estrela a guiar caminheiro errante, nos conduza ilesos aos portos da Ciência (O EXEMPLO, 1892, n. 1, p. 1).

O fragmento evidencia, no primeiro editorial, a quem as páginas de *O Exemplo* são direcionadas. Nesse sentido, Cuccuza e Pineau (2002) asseguram que todo texto deve apresentar, inicialmente, sua finalidade e intenções ao público leitor. Para isso, é necessário dizer que os textos que compõe esse periódico são frutos de prática de escritas que se amparam em prática de leitura de um determinado contexto, mas que também ultrapassam os limites fronteiriços nos quais estavam inseridos os escreventes desse semanário. Intelectuais negros que, em um coletivo, buscaram arregimentar interessados por uma causa comum, com vistas a estabelecer possibilidades de mobilidade para seu grupo racial.

Assim, ao abordar as finalidades e intenções o periódico *O Exemplo* afirma que instrução é uma possibilidade de encaminhamento para outra condição social. Desse modo, em numerosas páginas do periódico, o grupo de intelectuais negros que compõe essa comunidade conclama os pais a que encaminhem seus "filhos para a escola, a fim de receberem ali a luz e o conhecimento da verdade" (O EXEMPLO, 1893, n.16, p. 1).

Sobre a escola, espaço em que se materializam, de forma institucionalizada a prática de escritas, Petrucci (1999, p. 173) declara que, "uno de los más antiguos y estables campo de aplicación y de uso de la escritura es el de la escuela, sobre todo de la elemental, donde, em los primeros peldaños de la enseñanza, se aprende concretamente a escribir manualmente". Diferentemente da leitura, a prática de escrita, conforme o autor, se concretiza no espaço escolar, responsável por empreender métodos e técnicas para o preenchimento da folha, pois esse é o espaço que permite a aquisição de modelos de escrita que devem ser imitados pelo aprendiz.

Neste estudo, não me atento somente às sessões do periódico que tematizam ou dizem respeito à instrução, os poemas e charadas são também sessões de caráter instrutivo (quando se propunham a orientar sua comunidade racial) e denunciativo (ao apresentarem narrativas de práticas racistas vivenciadas pela população negra porto-alegrense) de iniciativa de um grupo intelectual negro que questiona a hegemonia intelectual e ideológica de matriz europeia. Esse coletivo de intelectuais negros, de acordo com Santos (2011, p. 15):

Produziu livros e jornais, interpretou leis e códigos, escreveu poesia, teatro, artigos e manifestos, acompanhou e participou, portanto, da construção do pensamento social da época. Individualmente ou como grupo social organizado, os negros gaúchos definiram novos contornos sociais e políticos para a liberdade; se tornaram articuladores de alternativas para as questões da cidadania e da nacionalidade, e foram construtores e "intérpretes" do Brasil.

As diversas sessões do periódico *O Exemplo*, de fundo instrutivo, conforme afirmado, me fizeram pensar que articular *prática de escritas* ao conceito de *representação* torna-se potente para as representações coletivas que o corpo editorial do periódico expressou frente à sociedade porto-alegrense no período mencionado. Nesse intercurso, aponto que prática de escritas de intelectuais negros, que publicaram no periódico, foram responsáveis não somente por instigar sua comunidade de origem sobre a importância da instrução, mas também de realizar denúncias, tais como: "algumas escolas públicas da capital, quando recusavam-se abertamente a admitir ao ensino crianças de cor, outras que limitando o número destas, mesmo assim maltratam-nas, a ponto de seus pais, em justa indignação, retirarem-nas das aulas" (O EXEMPLO, 1893, n.5, p.1). Nesse fragmento, percebemos que os pais, ainda que representassem raras exceções, entendiam que esse espaço formal e institucionalizado era uma possibilidade para as crianças inserirem-se na cultura escrita, o que significa dizer que eles não estavam à margem do cotidiano escriturístico.

Desse modo, é possível compreender que, em um período no qual a valorização do escrito e da educação era crescente, principalmente nos meios mais elitizados, a população negra da época não estava alheia aos textos impressos. A respeito disso, Chartier (1991) faz um alerta interessante, quando afirma que a classe social, enquanto um indicador, tem relação direta com prática de escritas, a exemplo dos trabalhadores braçais que tinham dificuldades para assinar seus nomes.

Nesse sentido, esse indicativo contribui para compreender o modo desigual com que homens e mulheres negros/negras faziam usos de prática de escritas. Ainda a esse respeito, Chartier (2011) diz que "a liberdade de apropriação sempre depende dos recursos bastante desiguais à disposição dos indivíduos de acordo com suas condições econômicas e sociais". Tal liberdade de apropriação pode ser questionada, quando se observa o seguinte fragmento:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo

o grão de estudo a que o sujeitemos e, por consequência, que também nos podemos alimentar nas cruzadas empreender lidas pela inteligência, muito embora algum estulto nos queira acoimar, ou seja, porque faça parte dos doutrinários que julgam o homem pela cor da epiderme (O EXEMPLO, 1892, n.1, p. 1).

O fragmento é elucidativo. Primeiro, por tentar desnaturalizar os discursos de incapacidade e inferioridade intelectual da população negra. Segundo, por reivindicar o direito à educação anunciado pela República. Fazer uso de prática de escritas, de modo especial na sociedade porto-alegrense da época, significou transgredir uma série de impedimentos, até mesmo legais, quanto a essa prática, vista como perigosa. A esse respeito, Chartier já alertava que “a aculturação escrita das sociedades ocidentais teve, portanto, de conviver com a persistente ideia de que a disseminação do saber equivale a uma profanação” (1991, p. 125). Em outro texto, o autor trata das tensões em torno da prática de escritas e leitura, em que:

O confisco do poder sobre o escrito pelas autoridades e a conquista dos poderes da escrita por aqueles e aquelas que deveriam permanecer distantes, uma vez que, se um ‘saber ler’ bem-fiscalizado deveria assegurar a submissão à ordem, o ‘saber escrever’ foi longamente tido pelos poderes e pelos dominadores como instrumento de uma possível indisciplina, de uma dependência perigosa (CHARTIER, 2011, p. 39).

Nesse sentido, a adoção de prática de escritas e da imprensa possibilitou a um grupo intelectual negro lançar no periódico *O Exemplo* prática de escritas, entre elas, a de denunciar a violência racial que recaía sobre a população negra, no cotidiano de homens, mulheres e jovens; e, por conseguinte, orientar a classe quanto aos seus direitos e deveres em uma sociedade pós-eslavista. Em síntese, “a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos mediocres conhecimentos” (O EXEMPLO, 1892, n.1, p.1.). A esse respeito, há várias entradas possíveis par compreender a prática escritu-

rística, de modo que destaco o terceiro elemento dessa atividade que é abordado por Certeau (2014, p. 205):

O laboratório da escritura tem como função “estratégica”: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou fora dela se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo.

Para o coletivo de intelectuais negros do periódico *O Exemplo*, fica evidente que prática de escritas eram algo frequente, pois, em momentos pontuais, alguns colaboradores lamentaram não terem publicado seus escritos em números anteriores desse semanário. É possível perceber, em algumas sessões, não somente a reprodução de um determinado texto no periódico, pois há o envolvimento de várias pessoas e a apresentação de situações que demonstram um exercício escriturístico que envolve narrativas do cotidiano da população negra porto-alegrense. Nessa perspectiva, escrever um texto que se aproximasse da realidade de um público leitor (negro) era o compromisso dos intelectuais negros engajados nesse empreendimento.

Ao pensar sobre esse público leitor e de prática de escritas de intelectuais negros de *O Exemplo*, Cucuzza e Pineau (2002, p. 28) apresentam uma reflexão pertinente quando dizem que:

la marca de la escritura no sólo supone a su productor, sino y especialmente, a su lector para comenzar a pensar en caules condiciones sociales se produce la marca, quiénes la producen, sobre caules soportes, para qué usos del poder, y simultaneamente pensar quiénes pueden ler la marca o a quiénes sólo les está permitido oir su lectura.

Em relação ao público leitor de *O Exemplo*, cujos próprios escreventes são também leitores, Chartier (2003) diz que as editoras utilizaram estratégias diversas a fim de atingir esses leitores populares, visto que

a relação com o escrito não é a mesma de um livro e que a população mais pobre e urbana fazia uso de outros suportes – considerados efêmeros. O periódico *O Exemplo*, voltado especificamente para uma comunidade negra leitora, era publicado com a finalidade de orientar esse grupo racial sobre os novos ditames de civilidade e moralidade, requisitos imprescindíveis assegurados pela instrução. Nessa perspectiva, o progresso da sociedade porto-alegrense, conforme escrito no periódico pelos intelectuais negros, seria resultado de um povo instruído. Conforme *O Exemplo* (1893, n.17, p. 1):

Todos devem conhecer a leitura e a escritura, elementos indispensáveis à marcha regular da vida e dos negócios, quaisquer que sejam. Com esses elementos, fica-se habilitado para desenvolver as faculdades intelectuais, seguindo o gosto particular de cada um. E quem disso não se puder convencer, lembre-se que é horrível pedir a outrem que lhe assine um recibo ou antes (que miséria!) que lhe interprete os sentimentos, escrevendo-lhe uma carta para alguém, qualquer que seja o fim.

Fica claro que prática de leituras e escritas são relações complexas de poder nas quais, em algum momento histórico, ocultaram-se as relações de subordinação. A esse respeito, Cucuza e Pineau (2002, p. 18) asseguram que, “los usos sociales y las prácticas de la lectura, determinaron en un primer momento, los usos sociales y las prácticas de escritura”; em um segundo momento, “los usos sociales y las prácticas de escritura pasaron, a determinar los usos sociales y las prácticas de lectura”. Os dois aspectos apresentados fornecem elementos para entender como prática de leituras e escritas seguiam uma certa hierarquia, o que permite inferir que os intelectuais negros procuram assegurar a indissociabilidade entre a aquisição/prática da leitura e escrita, fundamental em uma sociedade que cresce em números de leitores e escreventes.

Por fim, evidenciar prática de escritas de intelectuais negros, que empreenderam esforços na publicação de um semanário em um período pós-abolição, busca

torná-las referências para sua comunidade de origem. Um coletivo de intelectuais que conseguiu, a partir de seus escritos, socializar, debater, sugerir e orientar seu grupo racial a partir de uma imprensa que inaugurava uma forma de concretizar diversas aspirações, entre as quais a mais recorrente no periódico era “o levantamento da classe”.

## CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, procurei discutir as práticas de escrita de intelectuais negros no periódico *O Exemplo*, um semanário de quatro páginas que foi publicado e posto em circulação entre 1892 e 1930 por um grupo de intelectuais negros em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Deixo claro que realizei recortes de fragmentos do periódico que se situam no final do século XIX, no contexto pós-abolição. Fragmentos estes que indicam a recorrência e/ou a insistência desse grupo de intelectuais negros sobre a relevância da instrução como possibilidade de ascensão social.

Ao revisitar esse *corpus* documental do periódico *O Exemplo*, publicação atualmente nomeada de Imprensa Negra, recorri a estudos ancorados no campo da História da Cultura Escrita, com intersecção com a História da Educação. Insisto na perspectiva teórica e metodológica desse campo, pois ela possibilita entender e inaugurar, em uma nova perspectiva, a materialidade desse *corpus* que inclui práticas de escrita daqueles que se fizeram lidos em sua época.

Nesse sentido, insisto que o campo da História da Cultura Escrita sinalizou múltiplas vias de entendimento dos testemunhos escritos daqueles que fizeram parte de um coletivo de intelectuais da Imprensa Negra gaúcha no final do século XIX. Intelectuais que de modo recorrente reiteraram a necessidade da instrução para sua comunidade de origem.

A pesquisa faz entender que os escreventes do periódico *O Exemplo* produziram textos, em especial, para um público leitor negro. Desse modo, não se pode afirmar que a população negra ficou alheia à produção e circulação dos escritos, visto que esse periódico circu-

lou durante quase três décadas – período em que discutiu e orientou seu grupo racial sobre a importância da instrução, “do conhecimento da leitura e escrita”.

Por fim, a pesquisa indicou que as escritas desse coletivo de intelectuais negros perduram até o momento atual, quando, ao retomar a sua leitura, em sua materialidade física ou digitalizada, evidenciamos a força da Imprensa Negra porto-alegrense na produção e circulação das inspirações daqueles jovens intelectuais negros que escreveram artigos de diferentes gêneros e contribuíram para a construção do pensamento social da época, no Brasil meridional.

## NOTAS

- 1 Ao tratar sobre intelectuais negros Santos (2011) diz que o utiliza como sinônimo de jornalistas e redatores, embora tenha consciência que definir seu estatuto não seja uma tarefa nada tranquila, em especial, numa sociedade contemporânea. Afirma que essa categoria “não se constituem uma classe trabalhista, nem pertencem ao mundo das profissões” (p. 25). O autor (2011, p. 25) ainda assinala que estes intelectuais “ocupam os meios de comunicação, geralmente o escrito, e são reconhecidos como produtores e reprodutores de discursos, posição em que se mantém no centro da sociedade como formadores e debatedores de ideias e opiniões”.
- 2 O acervo do jornal *O Exemplo* (1892-1930) está composto pela Coleção particular Oliveira Silveira; a Coleção do Núcleo de Pesquisa em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH/UFRGS); a Coleção do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa; a Coleção da Biblioteca Pública Rio-Grandense. A Coleção aqui descrita se encontra no site: <http://culturadigital.br/jornaloexemplo/>
- 3 Lopes e Galvão (2010, p. 78) alertam que “no trabalho com o material escrito, mas não só [oral], é preciso levar em conta tanto os silêncios dos documentos quanto a sua ausência. Um “buraco” numa série de arquivos, por exemplo, pode dizer algo sobre o documento que falta ou sobre a própria organização desse arquivo, da época que o produziu e o guardou”.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A inversão do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: Chartier Roger. *A força das representações*: história e ficção. Chapecó: Argo, 2011.

CHARTIER, Roger. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo, Ed. UNESP, 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIËS, P.; DUBY, G. (orgs.) *História da vida privada*: da renascença ao século das luzes. Vol. 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

CUCUZZA, H. R.; PINEAU, P. *Introdução*. Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Território plural: A pesquisa em história da educação*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2010.

O EXEMPLO, *Coleção do jornal O Exemplo* (1892, nº 1.). Disponível em: <http://culturadigital.br/jornaloexemplo/>.

O EXEMPLO, *Coleção do jornal O Exemplo* (1893, nº 5, 16 e 17). Disponível em: <http://culturadigital.br/jornaloexemplo/>.

PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona, Espanha. Gedisa, 1999.

SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da História*: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Porto Alegre, 2011, 281f. Tese (Doutorado em História) – PPG em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

## O AUTOR

Ricardo Costa de Sousa é Doutorando em Educação – UFRGS  
E-mail: [ricardo\\_lut@hotmail.com](mailto:ricardo_lut@hotmail.com)